

O CONCEITO DE LAZER: UMA ANÁLISE CRÍTICA

The concept of leisure: a critical analysis

Felipe Mateus de Almeida¹

Resumo

O lazer é um fenômeno da sociedade moderna, ou seja, da sociedade capitalista. A Sociologia do Lazer, se comparada a outras temáticas de estudo das Ciências Sociais e da Sociologia, é um campo de pesquisa relativamente novo. Mas apesar de ser novo, o campo da Sociologia do Lazer tem sido fruto de diversos estudos e pesquisas, o que faz com que se tenha uma série de conceitos e definições acerca dessa prática. Neste artigo, através de uma análise qualitativa e uma revisão bibliográfica, trazemos uma discussão introdutória sobre o conceito de lazer, tendo como base uma perspectiva crítica. Nesse sentido, em um primeiro momento, o artigo traz os principais elementos da concepção funcionalista do lazer, tendo como base as obras de Joffre Dumazedier. Feito isso, elaboramos uma crítica à perspectiva funcionalista do lazer, apresentando um conceito alternativo, partindo dos estudos e pesquisas de autores que trazem elementos inovadores e que superam os limites e problema da sociologia funcionalista do lazer.

Palavras-chave: Lazer; Funcionalismo; Sociologia; Crítica; Modernidade.

Abstract

The leisure is a phenomenon of modern society, that is, of capitalist society. The Sociology of Leisure, if compared to other study themes in Social Sciences and Sociology, is a relatively new field of research. But despite being new, the field of Sociology of Leisure has been the result of several studies and researches, which makes it possible to have a series of concepts and definitions about this practice. In this article, through a qualitative analysis and a literature review, we bring an introductory discussion about the concept of leisure, based on a critical perspective. In this sense, in a first moment, the article brings the main elements of the functionalist conception of leisure, based on the works of Joffre Dumazedier. Having done this, we elaborated a critique of the functionalist perspective of leisure, presenting an alternative concept, based on the studies and researches of authors who bring innovative elements and that overcome the limits and problem of the functionalist sociology of leisure.

Keywords: Leisure; Functionalism; Sociology; Review; Modernity.

I. Introdução

A burocratização e a mercantilização das relações sociais têm acontecido de maneira cada vez mais acelerada na sociedade capitalista.

¹ Sociólogo. Mestre e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Lazer e Sociedade (LAS) e do Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade (GPDS). E-mail: felipe.mateus.sociologia@gmail.com

Esse processo ocorre por conta do desenvolvimento do modo de produção capitalista e da sucessão dos seus regimes de acumulação². Essas transformações decorrentes não atingem somente a organização do trabalho, mas sim todo o conjunto de relações sociais inseridas no seio da sociedade capitalista.

A partir dessas mudanças, o tempo se torna cada vez mais burocratizado e racionalizado, o que faz com que ele seja dividido em diversos períodos: tempo de trabalho, tempo de estudo, tempo de satisfação das necessidades básicas, tempo livre, etc.

Se em tempos anteriores ao capitalismo o ócio era visto como uma prática contemplativa que servia como um mecanismo de evolução, estudo e descanso para aqueles que podiam gozar desse privilégio; com o surgimento do modo de produção capitalista e de suas relações sociais, o ócio perde seu aspecto positivo e passa a ser visto como uma prática negativa, dando lugar a um novo discurso e prática: a do trabalho produtivo.

É dentro desse contexto que surge o lazer, que pode ser considerado uma das grandes inovações da sociedade contemporânea. Diferentemente do ócio, o lazer é praticado por todos os seres humanos em um determinado período de tempo e em determinados espaços direcionados para essa prática, sendo que ele é realizado de maneira distinta e de acordo com a classe social na qual um ser humano ou um grupo de seres humanos encontra-se inserido.

Com as recentes transformações do modo de produção capitalista e a diminuição da jornada de trabalho, os estudos do lazer tem ganhado espaço dentro de diversas disciplinas que envolvem as ciências sociais e as ciências sociais aplicadas, sobretudo na sociologia.

Apesar de ser um campo de estudos relativamente novo, a sociologia do lazer tem atraído uma série de pesquisadores e suas análises envolvem diversos aspectos, que vão desde o estudo da utilização do tempo livre até a compreensão do lazer enquanto um mecanismo de controle social.

² Sobre a teoria dos regimes de acumulação, que não é o tema principal deste artigo e, por conta disso, não foi abordada de maneira aprofundada no mesmo, recomendamos a leitura do livro *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*, de autoria do Sociólogo Nildo Viana.

Neste artigo, apresentaremos uma discussão acerca da nossa compreensão do conceito de lazer, o que pressupõe uma análise das perspectivas teóricas de diversos autores que têm como principal campo de suas pesquisas a sociologia do lazer.

2. Joffre Dumazedier: precursor da sociologia do lazer

O processo de racionalização e burocratização das relações sociais fez com que o ócio – que antes era visto como algo positivo – passasse a ser combatido e desse lugar a um novo discurso e prática: a do trabalho produtivo.

É dentro desse contexto que surge o lazer, uma prática da sociedade capitalista que se diferencia do ócio porque é realizada em um determinado período e espaço de tempo e tem como principal característica a realização de alguma atividade que não esteja ligada ao trabalho ou que seja imposta e obrigatória.

Diversos autores e pesquisadores das mais variadas vertentes do pensamento sociológico se interessaram pelos estudos do lazer a partir da emergência desse fenômeno na sociedade capitalista.

Dentre essas vertentes do pensamento sociológico, o funcionalismo foi quem mais teve destaque e influência nos estudos do lazer, tendo como principal representante o sociólogo francês Joffre Dumazedier. Este pesquisador foi responsável por abrir espaço e criar um campo de estudos para a sociologia do lazer não só em seu país de origem, mas em diversas partes do mundo.

Joffre Dumazedier, ao contrário de diversos intelectuais que atuavam ao seu lado na Universidade de Sorbonne, na França, mostrou-se preocupado com a questão das transformações na sociedade capitalista para além das consequências que envolviam as relações de trabalho e economia. Para esse autor, as diversas transformações e mudanças pelas quais passava o modo de produção capitalista em decorrência das sucessões dos seus regimes de acumulação, foram responsáveis por um processo de reestruturação das necessidades, desejos e formas de consciência dos indivíduos.

Para Dumazedier, as recentes conquistas da classe operária e das demais classes inferiores obtidas após o fim da Segunda Guerra Mundial, sobretudo no que se refere à diminuição da jornada de trabalho e ao aumento do tempo livre, interferiam de maneira direta na dinâmica de organização da sociedade.

Em decorrência desse processo de diminuição da jornada de trabalho e de aumento do tempo livre dos trabalhadores, Dumazedier (1994) irá dizer que ocorreu uma revolução cultural do tempo livre, o que conseqüentemente levou à necessidade de se pesquisar as novas formas de aproveitamento e de uso desse tempo fora do ambiente de trabalho.

É em meio a essa conjuntura que Dumazedier dedica boa parte de sua trajetória acadêmica aos estudos do lazer, o que o transformou em um dos principais teóricos da sociologia do lazer, inserindo esse importante fenômeno da sociedade capitalista no contexto da pesquisa acadêmica.

Os estudos desse autor acerca da Sociologia do Lazer – que iam desde a definição do lazer até a aplicação desse conceito, na prática, através da atuação dos animadores culturais enquanto profissionais treinados e capacitados para ensinar os trabalhadores a aproveitarem o seu tempo livre fora do ambiente de trabalho por meio de atividades de lazer que os ajudassem a se desenvolverem enquanto seres humanos – se espalharam por diversos países do mundo, sobretudo naqueles países onde se tinha um capitalismo subordinado e tardio.

No caso do Brasil – que após uma série de lutas desenvolvidas pela classe operária e as demais classes inferiores, entre os anos de 1950 e 1970 – começava-se a ensaiar um processo de diminuição da jornada de trabalho, o que conseqüentemente aumentou o tempo livre dos trabalhadores fora de seu ambiente de trabalho. Mesmo com o retrocesso na concessão de direitos e o ataque ferrenho às liberdades individuais e a censura promovida pela ditadura militar no Brasil, que se iniciou em 1964 e só teve fim em 1988, com a redemocratização do país, houve um processo de expansão das atividades de lazer no território brasileiro, sobretudo no que se refere ao turismo e ao lazer enquanto forma de assistência social.

Foi justamente a partir de duas importantes instituições ligadas à assistência social no Brasil, o Serviço Social do Comércio (SESC) e o Serviço Social da Indústria (SESI), que Dumazedier teve contato com o meio acadêmico brasileiro. Através desse intercâmbio – tendo em vista que esse pesquisador foi contratado para ser consultor especial do SESC – a sociologia do lazer ganha espaço no país, constituindo-se enquanto campo de pesquisa que tem trazido diversas contribuições para a compreensão dos usos do tempo livre na contemporaneidade.

Foi a partir dos estudos de Dumazedier, que apesar de apresentarem uma série de problemas que serão abordados por nós no próximo subitem, do presente artigo, que a sociologia do lazer ganhou destaque enquanto campo de pesquisa, abrindo espaço, posteriormente, para outras abordagens acerca do lazer e que não estavam necessariamente vinculadas ao funcionalismo.

3. A teoria sociológica funcionalista do lazer: limites e problemas

Dumazedier (2008), em seu livro *Sociologia Empírica do Lazer*, irá dizer que:

(...) uma definição sociológica deveria apresentar ao menos as quatro propriedades seguintes: lógica, ela deve permitir situar seu objeto no gênero mais próximo em que este se insira e distingui-lo dos outros objetos do mesmo gênero pela diferença específica menos ambígua. Deve ser válida em relação aos problemas maiores da sociedade. Deve esforçar-se por ser operatória com respeito aos comportamentos sociais correspondentes. Deve igualmente ter em conta a divisão do trabalho sociológico entre os diferentes ramos especializados: trabalho, política, etc., definindo seu objeto da maneira mais clara possível em relação ao dos outros (DUMAZEDIER, 2008, p. 87 – 88).

Nesse sentido, para Dumazedier, toda e qualquer definição ou conceito sociológico proposto ou utilizado em uma pesquisa, deve ser construído a partir de um método que seja capaz de diferenciá-lo dos demais conceitos e fenômenos pesquisados e estudados pelos outros campos da sociologia. Apesar dessa diferenciação, é preciso que um conceito ou definição sociológica desenvolva uma relação com os demais campos de estudo e problemas sociológicos que se encontram em uma determinada sociedade, ou seja, apesar de defender uma divisão entre os diversos campos do trabalho sociológico, o autor afirma que é necessário que um fenômeno

ou conceito sociológico fosse analisado e estudado a partir das relações que ele mantém com os demais campos de estudos, tais como, trabalho, política, economia, etc.

É a partir dessas considerações que Dumazedier apresenta os seus estudos e pesquisas acerca do lazer:

Duas condições prévias na vida social tiveram de realizar-se a fim de que o lazer se tornasse possível para a maioria dos trabalhadores:

- a) As atividades da sociedade não mais são regidas em sua totalidade por obrigações rituais impostas pela comunidade. Pelo menos uma parte destas atividades escapa aos ritos coletivos, especialmente o trabalho e lazer. Este último depende da livre escolha dos indivíduos, ainda que os determinismos sociais se exerçam evidentemente sobre esta livre escolha.
- b) O trabalho profissional destacou-se das outras atividades. Possui um limite arbitrário, não regulado pela natureza. Sua organização é específica, de modo que o tempo livre é bem nitidamente separado ou separável dele (DUMAZEDIER, 2008, p. 28).

O autor continua sua análise dizendo que:

Estas duas condições coexistem apenas nas sociedades industriais e pós-industriais. Elas tornam o conceito de lazer inaplicável às sociedades arcaicas e pré-industriais. Quando o lazer penetra na vida rural das sociedades modernas, é porque o trabalho rural tende a organizar-se segundo o modo de trabalho industrial e porque a vida rural está penetrada pelos modelos da vida urbana que correspondem a ele. Observações da mesma ordem impõem-se para as sociedades agrárias do Terceiro Mundo que projetam-se transformar em sociedades industriais (DUMAZEDIER, 2008, p. 28).

Nesse sentido, para Dumazedier, o lazer se constitui enquanto um fenômeno da sociedade moderna e está associado ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, o que conseqüentemente faz com que se tenha uma transformação na atribuição e no uso do tempo. As relações sociais não são mais orientadas pela religião, pelas tradições ou pelos costumes arraigados, mas sim pela lógica do trabalho produtivo, que gera tanto uma divisão social do trabalho quanto uma divisão social do tempo. O trabalho passa a ser a principal atividade praticada pelos seres humanos e o tempo livre, que conseqüentemente é o tempo onde se pratica o lazer, se dissocia do tempo de trabalho e das demais atividades obrigatórias.

A partir dessas considerações, Dumazedier começa a apresentar a sua definição do que é o lazer. Para ele, existem três maneiras pelas quais o lazer não deve ser compreendido: a primeira é aquela na qual o lazer é visto como um comportamento social. Segundo o autor, essa definição ou

compreensão do lazer é mais “psicológica que sociológica: ela diz respeito à atitude de alguns comportamentos comuns a todos. (...) Não permite definir um campo específico entre as diferentes atividades que assumem diferentes funções na sociedade” (DUMAZEDIER, 2008, p. 88).

Para Dumazedier, essa compreensão do lazer está mais associada à questão do prazer do que ao lazer, pois uma pessoa pode trabalhar e sentir prazer ou ser um jogador de futebol profissional e também sentir prazer no que faz, mesmo que nesse caso o futebol seja uma obrigação e não uma atividade de lazer. O lazer precisa estar associado diretamente à prática de uma atividade que não tenha nenhum caráter obrigatório e não somente a algo que dê prazer.

A segunda maneira pela qual o lazer não deve ser compreendido, segundo Dumazedier, é a de que ele é uma prática que se opõe somente ao trabalho, no sentido de se compreender o lazer enquanto tudo aquilo que é resumido ao não-trabalho. Segundo o autor, essa definição, “(...) permite cada vez menos tratar os problemas específicos do lazer nas sociedades industriais avançadas. Apresenta também o inconveniente de confundir, por detrás da palavra lazer, realidades sociais heterogêneas (DUMAZEDIER, 2008, p. 89).

Dumazedier diz que associar o lazer a uma prática que se opõe somente ao trabalho é um erro, pois existem outras atividades obrigatórias e que justamente por terem essa característica de obrigatoriedade, também são opostas ao lazer já que, para esse autor, uma das principais características do lazer se encontra no fato dele não ser uma atividade obrigatória. Pagar as contas, fazer um curso de especialização ou um curso superior também são atividades obrigatórias, apesar de não serem uma forma de trabalho.

A terceira e última maneira pela qual o lazer não deve ser compreendido, é aquela na qual se exclui as atividades domésticas das atividades de lazer, deixando ainda incluídas as atividades socioespirituais e sociopolíticas (DUMAZEDIER, 2008). É justamente por incluir as atividades socioespirituais e sociopolíticas como atividades de lazer, que essa definição e compreensão acerca do lazer, segundo Dumazedier, se torna problemática.

Para o autor, as atividades socioespirituais e sociopolíticas estão situadas no campo da religião e da política e não devem ser enquadradas no campo de estudo da sociologia do lazer, mas sim no campo da sociologia política e da sociologia da religião.

A partir dessas considerações e críticas as definições e compreensões acerca do lazer, Dumazedier apresenta o que ele entende por lazer. Para esse autor, o lazer deve ser compreendido como uma atividade em que o tempo, que no caso é o tempo livre disponível após o cumprimento de todas as atividades obrigatórias, é destinado única e exclusivamente para um fim: a prática do lazer.

Sendo assim, em um primeiro momento, Dumazedier diz que o lazer é:

(...) um conjunto de mais ou menos estruturado de atividades com respeito às necessidades do corpo e do espírito dos interessados: lazares físicos, práticos, artísticos, intelectuais, sociais, dentro dos limites do condicionamento econômico social, político e cultural de cada sociedade. São tais atividades que iremos chamar de lazares. Seu conjunto constitui o *lazer*. Este conjunto é determinado pelo trabalho e pelas outras obrigações institucionais, mas veremos que, com a aproximação do estágio pós-industrial, ele tende cada vez mais a atuar sobre as próprias instituições que o determinam (DUMAZEDIER, 2008, p. 92).

Nessa primeira definição, apresentada por nosso autor de referência, o lazer é composto por uma série de atividades físicas, práticas, artísticas, intelectuais e sociais que tem como objetivo satisfazer as necessidades do corpo e do espírito daqueles que as praticam. Essas práticas de lazer estão ligadas e determinadas pelo trabalho e as demais obrigações institucionais de uma determinada sociedade.

A partir dessa primeira definição, Dumazedier sustenta a tese de que uma atividade só pode ser considerada um lazer se for praticada após o cumprimento não só das atividades de trabalho, mas de todas as demais atividades obrigatórias e constitucionais. Nesse sentido, uma atividade, para ser configurada como lazer, deve atender a três critérios: deve ser liberatória, hedonística e pessoal (DUMAZEDIER, 2008).

Uma atividade de lazer é liberatória quando resulta de uma livre escolha, ou seja, eu não pratico uma atividade física ou escrevo um livro visando perder peso ou melhorar meu currículo Lattes, mas sim porque isso

me dá prazer e eu realizo essa atividade física ou intelectual por livre e espontânea vontade após ter cumprido com todos os meus outros compromissos e atividades obrigatórias.

Uma atividade de lazer é hedonística quando o indivíduo a pratica visando atingir somente seu prazer e suas necessidades individuais, sem que ocorra qualquer interferência ou imposição de outras atividades que não estejam ligadas ao lazer e à busca do prazer (DUMAZEDIER, 2008).

Por fim, uma atividade de lazer é pessoal quando todos os interesses e objetivos dos indivíduos que a praticam são única e exclusivamente direcionados a sua satisfação pessoal, sem responder “às obrigações primárias impostas pela sociedade” (DUMAZEDIER, 2008, p. 96).

Nesse sentido, o lazer:

1. (...) oferece ao homem as possibilidades da pessoa libertar-se das fadigas físicas ou nervosas que contrariam os ritmos biológicos da pessoa. Ele é poder de recuperação ou ensejo de flanação.
2. (...) oferece a possibilidade da pessoa libertar-se do tédio cotidiano que nasce das tarefas parcelares repetitivas, abrindo o universo real ou imaginário do divertimento, autorizado ou interdito pela sociedade.
3. (...) permite que cada um saia das rotinas e dos estereótipos impostos pelo funcionamento dos organismos de base; abre o caminho de uma livre superação de si mesmo e de uma liberação do poder criador, em contradição ou em harmonia com os valores dominantes da civilização (DUMAZEDIER, 2008, p. 96 – 97).

Levando em consideração todas essas características e essa primeira definição do que é o lazer, apresentada por Dumazedier, e que foi citada por nós em páginas anteriores, esse autor, em outro de seus escritos, intitulado *Lazer e Cultura Popular*, apresentará um conceito mais bem definido acerca desse fenômeno. Nesse sentido, o lazer, na sua concepção, deve ser compreendido como:

(...) um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

O lazer, na concepção do nosso autor, deve ser compreendido como um conjunto de atividades que o indivíduo realiza por sua livre e espontânea vontade, logo após concluir todas as suas atividades obrigatórias. As

atividades de lazer não possuem nenhum caráter de obrigatoriedade e são realizadas com o objetivo de atingir o prazer e a satisfação pessoal daqueles que as realizam, seja essa satisfação alcançada através da diversão, do descanso ou do desenvolvimento livre e desinteressado das capacidades físicas e mentais.

O lazer possui um caráter livre, hedonístico e pessoal, tendo como funções o descanso, o divertimento e o desenvolvimento dos indivíduos. A função de descanso tem como objetivo combater a fadiga do indivíduo que é gerada, principalmente, pelas suas atividades de trabalho. A função de divertimento tem como objetivo fazer com que o indivíduo se esqueça da sua vida monótona no trabalho, e das demais atividades obrigatórias realizadas em seu cotidiano. A função de desenvolvimento tem o objetivo de aprimorar os conhecimentos, a integração com a comunidade e a prática de uma cultura mais livre e desinteressada (DUMAZEDIER, 1973).

O conceito de lazer proposto por Dumazedier apresenta alguns aspectos positivos que merecem ser lembrados. O primeiro aspecto positivo se encontra no fato dele dizer que o lazer é um fenômeno característico da sociedade capitalista.

O segundo aspecto positivo presente se encontra no fato dele diferenciar o lazer do ócio. O lazer é uma atividade que precisa ser praticada e exige certo dispêndio de força e energia, ao contrário do ócio que é o ato de não se fazer nada.

Por fim, Dumazedier foi responsável por criar e inserir o campo de estudos da sociologia do lazer no meio acadêmico, o que contribuiu de forma significativa para o avanço dos estudos, pesquisas e publicações ligadas a essa área.

Apesar de apresentar esses aspectos positivos, a análise de Dumazedier acerca do lazer possui diversos problemas:

(...) o primeiro ponto a ser ressaltado se refere à questão do lazer ser uma atividade de repouso, pois (...) a atividade de descanso não deve ser encarada como uma forma de lazer, mas sim como uma necessidade vital do indivíduo. O segundo ponto se refere ao momento do lazer como desenvolvimento de informação ou formação desinteressada por parte do indivíduo. Pensar em formação ou informação desinteressada é praticamente impossível, pois toda a atividade realizada pelo indivíduo advém de um interesse e objetivo a ser conquistado e, além disso, no capitalismo, o que mais se

encontra são cursos de capacitação, formação ou aprimoramento das habilidades do indivíduo para melhorar o seu desempenho no seu trabalho e, conseqüentemente, aumentar a sua capacidade produtiva gerando um maior coeficiente de mais-valor (ALMEIDA, 2019, p. 67).

Nesse sentido, apesar de Dumazedier afirmar que o lazer é uma atividade que necessita de certo dispêndio de força e energia, seja ela física ou mental, entra em contradição ao trazer em sua definição que o lazer tem a função de descanso e repouso. O repouso e o descanso são necessidades vitais ou de subsistência dos indivíduos, pois ninguém suporta movimentar-se ou manter-se ocupado com alguma atividade durante todo o seu dia. O repouso e o descanso, além de serem necessidades vitais, também podem ser classificados como ócio, pois aquele que descansa ou repousa, não faz nada e não pratica nenhuma atividade de lazer, tendo em vista que uma atividade de lazer envolve o uso de força e energia, seja ela física ou mental, em um determinado tempo e espaço.

Além disso, falar de formação ou busca de informação desinteressada no modo de produção capitalista é um erro. Toda e qualquer informação buscada pelo indivíduo possui algum interesse, seja esse interesse meramente para manter o indivíduo atualizado daquilo que acontece ao seu redor ou seja para obter alguma informação privilegiada.

Da mesma maneira que ocorre com a busca de informação, também ocorre com a questão da formação. Em uma sociedade como a capitalista, todo e qualquer processo de formação é feito com o objetivo de obter algum retorno, seja ele financeiro ou simplesmente de status ou diferenciação social. Muitos indivíduos buscam aprofundar seus estudos com o objetivo de melhorarem seus salários e ascenderem socialmente.

Outra questão problemática nas análises de Dumazedier encontra-se na sua afirmação de que o lazer é uma negação das atividades obrigatórias, sobretudo daquelas que estão ligadas à questão profissional, ou seja, que estão ligadas ao trabalho. É preciso que se compreenda que, na sociedade capitalista, o lazer não se opõe ao trabalho. Assim como todas as demais relações sociais desenvolvidas no modo de produção capitalista, o lazer também está inserido em um processo de mercantilização e burocratização,

ou seja, além de transformar-se em mercadoria, o lazer também serve como mecanismo de controle social:

O oferecimento de atividades de lazer ao trabalhador durante o seu tempo livre constitui uma nova preocupação das empresas modernas. Devem-se oferecer atividades que o trabalhador deseje, que lhe possibilitem extravasar suas energias e principalmente, que lhe proporcionem prazer, satisfação e desenvolvimento pessoal e social (GOERK; MULLER, 2003, p. 145).

Ao investirem em mecanismos que induzem a práticas de lazer, as empresas não estão preocupadas com o bem-estar de seus trabalhadores. O que existe por trás desse investimento é o interesse em amortecer a luta de classes, através de atividades e práticas que fazem com que boa parte dos trabalhadores se esqueça do processo de exploração e de extração de mais-valor ao qual eles estão submetidos (ALMEIDA, 2019).

Esses problemas encontrados na análise de Dumazedier se devem, como já colocamos em linhas anteriores, a sua abordagem funcionalista acerca do lazer. Segundo Padilha:

Para os funcionalistas, tudo o que existe numa dada sociedade tem um sentido, um significado, de forma a contribuir para seu funcionamento equilibrado e manter o sistema social em operação. Essa ideia de equilíbrio, baseia-se numa certa analogia entre a sociedade e o organismo, na medida em que as diferentes partes – interdependentes a princípio – da sociedade estão coordenadas para conservar a unidade do sistema como um todo completo (PADILHA, 1992, p. 9).

A autora continua sua análise dizendo que:

Entendendo esses princípios básicos, fica mais fácil compreender porque é funcionalismo pensar o lazer como compensação do trabalho. Compensação lembra equilíbrio. Assim, o lazer não existe simplesmente para proporcionar prazer, ele tem sua função de recuperar a ordem e a unidade e manter a “paz social” quando o trabalho, por um acaso, não cumprir seu papel ou ocasionar algum tipo de desordem social. O lazer se configura num remédio ou solução para a alienação, indicação para a harmonia social (PADILHA, 1992, p. 9 – 10).

Por mais que Dumazedier não se defina como funcionalista, é possível identificar diversos aspectos do funcionalismo na sua análise e no seu conceito de lazer. Para esse autor, o lazer tem como principal função a questão de liberar ou libertar o indivíduo das atividades obrigatórias, principalmente as atividades ligadas ao trabalho. Isso faz com que essa atividade funcione como um mecanismo de harmonização e manutenção da ordem, na sociedade capitalista.

O conceito de lazer, proposto por Dumazedier, supõe uma prática que está disponível para todos os indivíduos e que pode ser realizada de maneira igual por eles, independentemente da classe social na qual estão inseridos. Ao afirmar isso, é possível se identificar mais um aspecto funcionalista em seu conceito de lazer, no sentido de compreendê-lo enquanto uma prática justa e igualitária e que atinge todo o conjunto da sociedade, com o objetivo de gerar um processo de desenvolvimento de relações sociais afetivas entre os indivíduos de todas as classes sociais. É como se o lazer não fosse perpassado por nenhuma contradição ou conflito, estando fora do processo de luta e disputa em torno das relações de trabalho e da competição econômica que o mesmo gera entre os indivíduos.

A partir dessa concepção, as atividades obrigatórias, principalmente aquelas que envolvem o trabalho, parecem ser algo nocivo e que geram stress e tédio nos indivíduos. O lazer entra enquanto atividade compensatória, como se fosse um prêmio a ser desfrutado logo após a realização de todas as atividades obrigatórias. Joffre Dumazedier, através de sua concepção funcionalista do lazer, não está preocupado em questionar o motivo das pessoas quererem fugir do trabalho e buscarem uma compensação nas atividades de lazer. É como se somente o trabalho fosse alienado e o lazer fosse a libertação dessa alienação proporcionada pelo processo de trabalho. Como fora colocado por Padilha (2003), é como se o trabalho fosse uma doença e o lazer fosse um remédio:

Sob a ótica funcionalista, o lazer é visto como algo necessariamente bom em oposição ao trabalho como algo necessariamente ruim. Por instrumentalizar o lazer para servir de válvula de escape, para buscar a ordem, a paz e a manutenção social, a visão funcionalista é conservadora. (...) Assim, se o trabalho cansa, o lazer descansa; se o trabalho aliena, o lazer desaliena; se o trabalho retira do homem sua capacidade criativa, o lazer a devolve. Nessa lógica compensatória que opõe trabalho ao lazer, a sociedade permanece em harmonia, na medida em que uma eventual perda pode ser recuperada por meio dos ganhos no exercício eficiente das funções do lazer (PADILHA, 2003, p. 256 – 257).

Nesse sentido, a concepção funcionalista do lazer desenvolvida por Dumazedier não parte de uma perspectiva crítica. Ela não compreende o lazer como uma categoria construída histórica e socialmente e que é composta por uma série de contradições. Esse autor não se preocupa com o

motivo de a sociedade capitalista desenvolver uma forma de lazer para devolver ao trabalhador a sua felicidade que lhe é tomada durante o seu tempo livre fora do ambiente de trabalho. Em outras palavras, assim como o trabalho torna-se alienado na sociedade capitalista, o lazer também o é.

O que se tem na perspectiva funcionalista do lazer desenvolvida por Dumazedier é uma visão conservadora sobre a dinâmica de funcionamento da sociedade. Ao defender essa lógica compensatória do lazer onde ele é o oposto do trabalho, o autor acaba por sustentar uma tese de que o problema não é o modo de produção capitalista, a divisão do trabalho e o antagonismo entre as classes sociais gerados por ele, mas sim a falta de um uso correto do tempo livre e do aproveitamento das atividades de lazer:

(...) As associações esportivas, recreativas, culturais ocuparam progressivamente um espaço preponderante com o desenvolvimento da redução progressiva do tempo de trabalho e a valorização das atividades de lazer em todas as classes da sociedade. No começo do século, essas associações permaneciam em geral muito ligadas às divisões políticas e religiosas: havia os vermelhos, de um lado, e os azuis, de um outro. (...) Depois, pouco a pouco, com o desenvolvimento das noitadas, dos fins de semana, das férias, do tempo livre da aposentadoria, uma massa de associações e de grupos centrados antes de tudo em espetáculos e em práticas amadoras tornaram-se preponderantes. Vimos que hoje em dia há mais membros nas sociedades esportivas do que em todos os sindicatos reunidos. Neste contexto, que tende a limitar de agora em diante o campo das batalhas políticas (...) colocou-se cada vez mais o problema de um novo tipo de *controle social*, que já chamamos de educação e que chamamos hoje de animação (DUMAZEDIER, 1994, p. 159, itálicos dele).

O autor continua sua análise dizendo que:

(...) Por um lado, a individualidade, em todas as idades da vida, é incitada a se *liberar*, em favor de si mesma, dos conformismos sociais e dos estereótipos culturais que entravam sem utilidade o desabrochar do corpo, do coração e do espírito. Ora, isto torna-se possível com a extensão e a valorização do tempo livre: este controle é em primeiro lugar *liberador*. Por outro lado, a individualidade é chamada a preservar esta liberação de um uso abusivo, nefasto aos compromissos sociais voluntários e às responsabilidades necessárias que as instituições sociais propõem ou impõem. Neste sentido, é igualmente *regulador*. Este controle regulador consiste particularmente em favorecer a utilização do tempo livre para um melhor desenvolvimento de si próprio e uma participação mais ativa nas instituições sociais e políticas. É daí que, sob pretextos e teorias diversas, nasceu a organização social chamada de animação(...). É uma nova estrutura intermediária de informação e de formação em relação crítica com as insuficiências da estrutura midiática e escolar diante dos problemas do tempo livre e de todos os outros tempos sociais (DUMAZEDIER, 1994, p. 159 – 160).

A preocupação de Dumazedier era em como administrar o uso do tempo livre através das atividades de lazer de maneira correta e harmoniosa. Para esse autor, as constantes transformações e mudanças no desenvolvimento do modo de produção capitalista foram responsáveis por uma verdadeira “revolução cultural do tempo livre”, que modificou os hábitos e costumes de todos os seres humanos, independentemente de sua classe social.

Com isso, foi preciso que se pensasse em uma nova maneira de exercer um controle social nas atividades de lazer praticadas pelos seres humanos durante o seu tempo livre fora do trabalho. Para Dumazedier, o aumento do tempo livre pode ser tanto positivo quanto negativo. É positivo porque dá ao indivíduo a capacidade de se liberar ou se libertar dos conformismos sociais e dos estereótipos culturais impostos pela sociedade.

Essa liberdade ou libertação através do tempo livre, segundo esse autor, pode se tornar negativa a partir do momento em que os indivíduos utilizam esse tempo livre para se desprender completamente de todas as suas obrigações para com a sociedade na qual eles estão inseridos; ou seja, o tempo livre deve ser utilizado dentro de um determinado espaço de tempo e em lugares apropriados, através de atividades que, mesmo que sejam feitas a partir da livre escolha dos indivíduos, sejam pensadas e elaboradas por educadores ou animadores culturais.

Portanto, a concepção funcionalista do lazer, além de harmonizadora, também é conservadora, pois o compreende como uma prática geradora de um equilíbrio social proporcionado por atividades orientadas por profissionais preparados para a elaboração das mesmas. Joffre Dumazedier era a favor de uma educação permanente, no sentido de orientar os indivíduos para um uso consciente do seu tempo livre, procurando evitar, assim, que a sociedade e suas instituições perdessem o controle e o poder de coerção sobre a coletividade.

A concepção funcionalista do lazer possui mais limites do que avanços e, apesar de ter sido adotada por vários autores brasileiros – como Luiz Camargo, Renato Requixá e Ethel Medeiros – que defendiam o uso de um lazer capaz de compensar as perdas e os danos físicos e psicológicos

decorrentes das relações de trabalho da sociedade capitalista, ela acaba por não compreender ou analisar o modo de produção capitalista como ele é: cheio de contradições, conflitos, problemas, tensões e lutas desenvolvidas entre as classes sociais.

Nesse sentido, é preciso que apresentemos um conceito de lazer que parta de uma perspectiva crítica e que não veja a sociedade capitalista como uma sociedade harmoniosa e equilibrada, mas sim como uma sociedade que – assim como descrita no parágrafo anterior – é perpassada pelo antagonismo entre as classes sociais.

4. Por uma definição crítica do conceito de lazer

Stanley Parker, em seu livro *A Sociologia do Lazer*, publicado no Brasil no ano de 1978, apresenta uma concepção de lazer diferente da de Joffre Dumazedier. Para esse autor, existem três formas diferentes de se definir o lazer. A primeira forma é aquela que considera as vinte e quatro horas do dia, subtraindo-se delas aqueles períodos que não são considerados lazer: trabalho, sono, alimentação e atendimento as necessidades fisiológicas. O lazer é tudo aquilo que é realizado após o cumprimento das atividades consideradas obrigatórias.

A segunda maneira de se definir o lazer, segundo Parker, é aquela que o mesmo não é visto essencialmente como um período de tempo livre após o indivíduo ter cumprido com todas as suas atividades obrigatórias, mas sim como algo que é feito com qualidade e com dedicação pelo indivíduo, ou seja, além do aspecto material, existe também a busca pelo prazer e pela satisfação da mente e do espírito.

A terceira maneira, segundo Parker, é aquela onde se combina tanto o componente residual, quanto o componente normativo, ou seja, o lazer é uma atividade que é realizada no tempo livre, tendo como principal característica a liberdade de escolha e possuindo como objetivo descansar e regenerar o indivíduo.

Sendo assim,

Uma compreensão adequada de lazer exige que consideremos tanto as suas dimensões de tempo quanto as de atividade. A quantidade de tempo de que dispomos para o lazer determina o que podemos fazer

neste período – se é possível apenas inserir um breve intervalo em um horário sobrecarregado, ou empreender um longo processo de aquisição de nova aptidão lúdica, tal como tocar um instrumento musical ou viajar para alguma parte longínqua do mundo. Por outro lado, seria inadequado supor que o lazer é simplesmente “tempo livre”. As pessoas que perdem o emprego ou que se aposentam com baixos rendimentos geralmente “têm muito tempo de folga”, mas é pouco provável que considerem estar gozando de um verdadeiro lazer (*lazer imposto* é realmente uma contradição) (PARKER, 1978, p. 21, itálico dele).

Parker afirma que o lazer deve ser compreendido através das categorias do tempo e da atividade, ou seja, a quantidade de tempo disponível é que determina quais atividades desse tipo poderemos realizar. Além disso, segundo Parker, nem todo tempo livre deve ser considerado lazer dessa forma, pois as pessoas que estão desempregadas ou que se aposentam com um salário baixo, apesar de possuírem muito tempo livre ou tempo de folga, não conseguem desenvolver tais atividades, pois na sociedade capitalista o lazer se tornou mercantilizado, o que conseqüentemente envolve gastos e uso de dinheiro.

Continuando a apresentação do seu conceito, Parker irá dizer que:

(...) O lazer é, entre outras coisas, uma instituição social (...) A estratificação social é um ingrediente importante das sociedades modernas, e o lazer adotado pelas pessoas é influenciado por sua classe ou condição social, embora alguns possam argumentar que esta influência é hoje menor do que no passado. O crescimento das indústrias de lazer contribuiu para modelar a forma como a maior parte das pessoas gozam de seu lazer (PARKER, 1978, p. 32).

Para Stanley Parker, o lazer é uma instituição social na qual os indivíduos participam cada um a sua maneira e de acordo com a sua condição de classe, sendo influenciados pelas indústrias que moldam e gerenciam a prática do lazer dos indivíduos presentes na sociedade capitalista. Por ser uma instituição social, o lazer deve ser compreendido através das dimensões do tempo e da atividade, levando em consideração o fato de que nem todo tempo livre deve ser visto dessa maneira.

O conceito de Parker tem um aspecto positivo porque diz que o lazer é uma prática que acontece de diferentes formas e que varia de acordo com a classe social na qual o indivíduo se encontra. Isso leva a um segundo aspecto positivo que é a percepção de que no capitalismo existe não só a divisão do trabalho entre as classes sociais, mas também existe a divisão

entre as suas formas de lazer. Existe um terceiro ponto positivo que se encontra no fato de Parker perceber o papel das indústrias de lazer como formadoras de opinião e criadoras de modelos de lazer para serem praticados pelos indivíduos, o que conseqüentemente demonstra o caráter manipulador que essas indústrias dão a essa atividade.

Diferentemente de Joffre Dumazedier e da abordagem funcionalista do lazer, Parker apresenta uma concepção que vê essa atividade não como algo que pode ser acessado por todos os indivíduos de maneira justa e igualitária, mas sim como uma prática que está associada à divisão entre as classes sociais.

Outro autor que nos ajuda a apresentar uma definição que parta de uma concepção crítica acerca do lazer é Newton Cunha. Em seu livro *A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer*, esse autor irá dizer que:

Para além do tempo destinado à criação ou manutenção do produto social (tempo de trabalho ou produtivo), existe um outro que vivemos cotidianamente e que sentimos como algo residual ou complementar. Estamos sempre tão preocupados e influenciados pelo trabalho que esse outro tempo se nos afigura assim. É o tempo em que os indivíduos não exercem esforços economicamente produtivos – não estão nas fábricas, nas empresas, nas instituições, nos serviços. É o período fora do trabalho e ao qual poderíamos chamar de tempo não-produtivo (CUNHA, 1987, p. 12 - 13).

A partir dessa primeira definição, podemos imaginar que o tempo não-produtivo é um tempo considerado residual e que está em constante relação com o tempo de trabalho ou o tempo produtivo, que é o tempo destinado a produção das mercadorias. Esse tempo de não-trabalho ou tempo não-produtivo, possui caráter secundário na sociedade capitalista e é visto apenas como um tempo para satisfação de nossas necessidades essenciais e também para a prática do lazer, não possuindo nenhum caráter produtivo.

Porém, continuando sua análise, Cunha irá dizer que:

(...) acontece que o tempo não-produtivo (residual, complementar) adquire, também para a sociedade, um valor ou uma função produtiva. Por quê? Porque ele recupera as nossas forças (nos permite descansar ou divertir) e nos dá condições de consumir (comer, viajar, comprar). Dito de maneira mais acadêmica, o tempo não-produtivo ainda conserva um valor socialmente produtivo, pois resgata as condições mínimas de retorno da força viva de trabalho e libera os indivíduos para o consumo. Ora, sendo o consumo um dos

momentos inevitáveis do circuito econômico (produzir, distribuir, trocar, consumir), então o tempo não-produtivo converte-se em tempo indispensável à produção. É a sua finalidade e ponto de partida. Tudo ao mesmo tempo (CUNHA, 1987, p. 13).

No seu argumento, Cunha afirma que o tempo não-produtivo possui uma função produtiva. Isso se deve ao fato de que é nesse tempo fora do ambiente de trabalho e do processo de produção de mercadorias que os trabalhadores recuperam suas energias através do divertimento e do descanso proporcionado pelas atividades de lazer.

Em uma leitura desatenta, essa afirmação de Cunha pode parecer se encaixar na concepção e análise funcionalista do lazer, mas o que se percebe é o contrário. Enquanto a teoria funcionalista do lazer via esse fenômeno como algo que servia como mecanismo harmonizador da sociedade e das relações sociais capitalistas, através das suas funções de desenvolvimento, descanso e divertimento; Cunha percebe que, para além de proporcionar descanso, divertimento e desenvolvimento, as atividades de lazer realizadas no tempo fora do ambiente de trabalho são responsáveis por movimentar e potencializar o processo de circulação das mercadorias através do consumo.

Sendo assim,

(...) não se trata ainda de uma escolha ou de uma construção livre. Alguns autores chegam a dar ao lazer, como sinônimo, a expressão “tempo livre”. É um traçado plano, achatado. O conteúdo do tempo de lazer permanece sujeito a uma série de circunstâncias sociais, culturais, econômicas, ideológicas e físicas, da mesma forma que a qualidade ou a força de trabalho que se vende ou se troca. O lazer será possível de acordo com a capacidade de consumo e com a posição ocupada na estrutura social, conforme o capital escolar e as experiências vividas no processo de socialização, de acordo com hábitos adquiridos ou predisposições psíquicas. Dada a sua natureza duplamente subtrativa – do tempo produtivo e do tempo residual ou complementar -, o lazer permanece como categoria interna da economia política, sendo gerado e apropriado em decorrência das mesmas relações sociais. É por isso que ele traduz – à sua maneira – as esferas da produção, da distribuição, da troca e do consumo. Suas formas individuais e coletivas não surgem nem são vividas, a não ser como emanções da própria economia política. É por essa razão que as classes de uma sociedade praticam lazeres diferenciados, seja em relação à forma, ao conteúdo, ao seu grau ou intensidade (...) E quanto mais acentuada a hierarquia de classes, maiores se apresentam as distinções do tempo e das atividades de lazer (CUNHA, 1987, p. 19 – 20).

O autor continua sua análise dizendo que:

Por todas essas razões, o “tempo livre” (o lazer) ainda permanece como momento negativo, isto é, como período contraposto ao tempo

de trabalho. E por representar ainda uma espécie de radiação deste, vê-se condicionado a várias circunstâncias. No plano das ideias, é uma categoria que não se afirma como substrato, como essência. A sua liberdade é derivada do tempo produtivo; a sua flexibilidade (nas relações do sujeito com os objetos) é dependente das relações sociais de produção. Ainda hoje, a qualidade do tempo livre não consegue romper a função de meio compensatório de forças sociais e econômicas que lhe são subjacentes (CUNHA, 1987, p. 21).

Para Newton Cunha, por mais que as atividades de lazer tragam momentos de descanso, divertimento e desenvolvimento, elas não devem ser classificadas como “tempo livre”, pois o conteúdo e o tempo de realização dessas atividades continuam atrelados às relações sociais que envolvem a cultura, o trabalho, o consumo, a economia e a ideologia capitalista.

A possibilidade de escolha de uma atividade de lazer não deve ser vista como sinônimo de liberdade, pois a mesma está sujeita à classe social na qual um indivíduo está inserido, bem como ao seu poder aquisitivo. Newton Cunha não vê no lazer e suas funções de descanso, divertimento e desenvolvimento, um caráter de positividade ou de contribuição para a manutenção da harmonia e do pleno funcionamento da sociedade. O que o autor percebe é que o lazer reproduz e dissemina as relações sociais capitalistas, sendo que assim como existe uma divisão social do trabalho, também é possível se identificar uma divisão social do lazer.

Além disso, Cunha aponta um elemento importante sobre a prática do lazer que é a sua relação com o processo de distribuição, consumo e circulação das mercadorias. No modo de produção capitalista, as relações sociais se tornam mercantilizadas e burocratizadas e o lazer não escapa disso. A partir do momento que saio para ir ao bar com os amigos ou pago para assistir a um filme no cinema, eu já estarei consumindo.

Nesse sentido,

(...) parece inevitável que o lazer, entendido como ocupação ou atividade durante um tempo liberado de obrigações, numa sociedade capitalista, implique necessariamente numa relação de consumo. Parece evidente também que este tipo de lazer – vinculado ao consumo – toma características próprias conforme a camada social que dele se ocupa. Em outras palavras, isso quer dizer que o que se consome no tempo de lazer do operário não é o mesmo consumido no tempo de lazer do presidente da mesma fábrica, por exemplo. E também, o tipo de atividades, programas ou diversão consumidos no lazer não são os mesmos para o patrão e para o empregado (PADILHA, 2000, p. 70).

O lazer não pode ser analisado ou pensado como se fosse algo separado da esfera produtiva. É nas atividades de lazer que ocorre o processo de circulação das mercadorias através do consumo, o que torna essa prática fundamental para o processo de funcionamento do capital.

Sendo assim, o lazer

(...) significa um conjunto de atividades de recreação. A recreação também tem origem no latim, *recreatio*, e quer dizer recreação. Remete ao recreio, a busca da diversão, distração. É por isso que nas escolas há o momento de recreio para as crianças, pois nele elas podem se divertir e distrair, já que o ensino, assim como o trabalho, requer concentração. A recreação significa o processo no qual os indivíduos podem descansar mentalmente se distraindo de suas atividades laborais, educacionais, obrigatórias. Nesse sentido, é algo espontâneo. Este é o sentido que a maioria das pessoas atribui ao termo “lazer”. Por isto consideramos que este é composto por momentos e atividades de recreação. Inclusive a sua função, como alguns colocam, é renovar a força de trabalho ou todo aquele submetido a atividades cansativas, desgastantes, que exigem certa concentração mental e/ou esforço físico (VIANA, 2018, p. 86).

O autor continua sua análise dizendo que:

(...) o lazer deve ser entendido como o conjunto de atividades recreativas desenvolvidas pelos indivíduos e que são realizadas num tempo residual após o trabalho alienado e outras atividades (para-trabalho, obrigações sociais). O lazer existe em relação com o trabalho alienado, que é um trabalho heterogerido e alheado (MARX, 1983; VIANA, 2012). O lazer é um complemento do trabalho alienado ao promover um alívio e recuperação de forças para voltar a exercê-lo, tal como diversos pesquisadores perceberam (VEGA, 1979; KRIPPENDORF, 2001) (VIANA, 2018, p. 88 – 89).

Portanto, estamos compreendendo o lazer como um fenômeno moderno que surge com o advento da sociedade capitalista e como uma atividade de recreação e busca de diversão que distrai e descansa o indivíduo após a realização de suas atividades de trabalho, de educação e de satisfação de suas necessidades básicas. Atualmente, segundo nossa interpretação, o lazer tem relação direta com o trabalho alienado, que é uma forma de trabalho que faz com que o indivíduo pertencente à classe proletária não reconheça a si mesmo, nem a seus colegas e nem ao produto oriundo do seu trabalho, fazendo com que ele viva em condição de miséria e de infelicidade. O lazer também é uma atividade que é exercida de maneiras diferentes e depende da classe social a qual se pertence e ao quanto se pode gastar e desfrutar dos modelos e instituições que o capital recreativo cria e proporciona aos indivíduos.

Sendo assim,

(...) pode-se afirmar que a ampliação do tempo livre dos trabalhadores dispensados da produção e dos serviços não consegue se transformar em ampliação de liberdade, de criatividade, de realização, de vida cheia de sentido e de felicidade. Isso, enquanto o capitalismo conseguir aumentar o tempo livre manipulá-lo segundo sua lógica, seja transformando-o em desemprego, seja preenchendo o tempo liberado com consumo de mercadorias e de entretenimentos (PADILHA, 2000, p. 105).

A autora continua sua análise dizendo que:

Tempo livre e capitalismo jamais formarão um par perfeito, mesmo que o tempo livre continue tendo a sua importância como reivindicação e como descanso. Mas a emancipação humana é algo muito mais complexo e requer reflexões muito mais radicais (no sentido de ir à raiz do problema (PADILHA, 2000, p. 105).

Nesse sentido, na sociedade capitalista, o lazer é um mecanismo de controle social e a partir do momento em que ele adquire esse caráter, torna-se praticamente impossível sustentar o argumento de que existe um tempo realmente livre e cheio de sentido. Concordamos com Marcellino (2014) quando esse autor diz que na sociedade capitalista nenhum tempo está livre de coações ou normas de conduta social. Só é possível se falar de tempo livre em outra sociedade, sociedade esta que esteja livre do modo de produção capitalista e de todas as suas relações e instituições sociais.

Considerações finais

No presente artigo, trouxemos uma discussão do lazer, compreendendo o mesmo enquanto um fenômeno da sociedade moderna, ou seja, da sociedade capitalista. Por ser uma prática cada vez mais disseminada na sociedade capitalista, dadas às devidas diferenças e proporções de um país para o outro, sobretudo por conta da divisão entre os países imperialistas e os países de capitalismo subordinado, como no caso do Brasil, o lazer despertou o interesse de vários pesquisadores e estudiosos ao redor do mundo.

Diversas foram e ainda são as pesquisas e definições acerca do lazer, o que muitas vezes acaba dificultando o acesso daqueles que estão iniciando seus estudos nesse campo de pesquisa por conta do excesso de informações e conceituações desse fenômeno. Neste texto, o objetivo não foi apresentar

um estudo detalhado de tudo aquilo que foi e ainda vem sendo produzido no Brasil e no mundo no campo de estudos e pesquisas da Sociologia do Lazer, pois seria uma tarefa quase impossível.

As recentes transformações na sociedade capitalista, sobretudo no que se refere ao uso do tempo livre fora do ambiente de trabalho, vêm se tornando objeto de interesse de vários pesquisadores. Como bem se sabe, o modo de produção capitalista é responsável por um processo de burocratização e mercantilização das relações sociais, o que inclui o lazer.

Para se compreender esse processo de burocratização e mercantilização do lazer, percebendo-o como um fenômeno que – além de ter se transformado em uma forma de obtenção de lucro por uma parte da burguesia através do capital recreativo, também pode ser visto como um mecanismo de controle social que manipula as formas de consciência dos indivíduos – é preciso que se tenha como aporte teórico autores que partam de uma perspectiva crítica sobre o lazer na sociedade capitalista.

O que fizemos, nesse artigo, foi trazer uma discussão introdutória sobre as principais fontes teóricas e autores que servem de base para se iniciar os estudos e pesquisas na Sociologia do Lazer. Apresentamos os limites, problemas e potencialidades desses autores e suas teorias e definições de lazer e, além disso, apresentamos a nossa concepção de lazer.

Com isso, esperamos estar contribuindo com os estudos acerca da Sociologia do Lazer no Brasil, fazendo com que esse texto seja fonte de leitura, pesquisa, conhecimento e debate nos mais variados círculos de conversa e grupos de pesquisa quem tenham interesse por essa temática.

Referências:

ALMEIDA, Felipe Mateus de. Reflexões sobre o tempo livre e o lazer na sociedade capitalista. In: SANTOS, Cleito Pereira dos, et al. (Orgs.). **Tempo Livre, Lazer e Sociedade**. Curitiba: CRV, 2019, p. 59-78.

CUNHA, Newton. **A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

DUMAZEDIER, Joffre. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

_____. **Lazer e Cultura Popular.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **Sociologia Empírica do Lazer.** 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GOERK, J. A.; MULLER, A. A visão dos associados referente às atividades de lazer oportunizadas pela associação atlética Philip Morris. In: COSTA, Lamartine Pereira da; MULLER, Ademir. (orgs.). **Lazer e Trabalho:** um único ou múltiplos olhares? Santa Cruz Do Sul – SC: EDUNISC, 2003, p. 137 – 155.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação.** 17ª ed. Campinas: Papirus, 2014.

PADILHA, Valquiria. **Trabalho e lazer:** reflexões sobre a abordagem funcionalista. Monografia (especialização). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, 1992.

_____. Se o trabalho é doença, o lazer é remédio? In: COSTA, Lamartine Pereira da; MULLER, A. (orgs.). **Lazer e Trabalho:** um único ou múltiplos olhares? Santa Cruz Do Sul – SC: EDUNISC, 2003, p. 243 – 266.

_____. **Tempo livre e capitalismo:** um par imperfeito. São Paulo: Alínea, 2000.

PARKER, Stanley. **A Sociologia do lazer.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIANA, Nildo. A mercantilização do lazer. In: SANTOS, C. P. dos; ALMEIDA, F. M. de (Orgs.). **Lazer, trabalho e consumo:** a dinâmica mercantil e os impactos socioculturais. Curitiba: CRV, 2018, p. 85 – 99.

_____. **O capitalismo na era da acumulação integral.** São Paulo: Ideias & Letras, 2009.